

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

LUCIMAR MARINHO VIANA

**BIBLIOTECA ESCOLAR, SALA DE AULA E LEITURA LITERÁRIA:
MEDIÇÕES POSSÍVEIS.**

Belo Horizonte
2012

LUCIMAR MARINHO VIANA

**BIBLIOTECA ESCOLAR, SALA DE AULA E LEITURA LITERÁRIA:
MEDIÇÕES POSSÍVEIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica (LASEB) da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento.

Orientadora: Prof^ª Clenice Griffo

Belo Horizonte
2012

LUCIMAR MARINHO VIANA

**BIBLIOTECA ESCOLAR, SALA DE AULA E LEITURA LITERÁRIA:
MEDIações POSSÍVEIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica (LASEB) da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento.

Orientadora: Prof^a Clenice Griffó

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Clenice Griffó (Orientadora) – Faculdade de Educação da UFMG

Prof^a. Dr^a Marcilaine Soares Inácio Gomes – Faculdade de Educação da UFMG

Dedico este trabalho a todos que de alguma
forma me auxiliaram nesta caminhada.

“(...) Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com clareza do já decifrado. Escrever é dividir-se. Cada palavra descortina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando das rédeas, abrem caminhos, entre linhas, para viagens do pensamento. O livro é passaporte, é bilhete de partida.”

Bartolomeu Campos de Queirós

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as práticas de leitura no âmbito escolar e a formação de leitores literários. A partir da análise e reflexão da minha prática pedagógica, no contexto da biblioteca escolar, problematizou-se a forma como os alunos do 1º ciclo do ensino fundamental, frequentadores da biblioteca lidam com os livros emprestados semanalmente e seus prováveis benefícios para formação do leitor. Dar acesso ao livro é suficiente para formação do leitor? Ao fazerem empréstimos semanais as leituras são mesmo realizadas? Para investigar melhor as práticas de leitura exercidas pela turma escolhida foi proposto um projeto de ação pedagógica, uma parceria biblioteca/sala de aula. O projeto visou acompanhar as práticas de leitura ofertadas na sala de aula e seus prováveis desdobramentos para alfabetização e para o letramento literário. O estudo buscou dar visibilidade as práticas de leitura, mais especificamente, a leitura literária exercidas na sala de aula “locus” da pesquisa, no intuito de contribuir para orientação do trabalho de formação de leitor.

Palavras-chave: Práticas de leitura, leitura literária, leitores, biblioteca escolar e sala de aula

1. APRESENTAÇÃO	8
2. JUSTIFICATIVA	9
3. INTRODUÇÃO	10
4. OBJETIVOS	12
4.1 Objetivo Geral	12
4.2 Objetivos Específicos	12
5. APORTE TEÓRICO	13
6. BIBLIOTECA ESCOLAR E LEITURA LITERÁRIA	15
7. METODOLOGIA	16
8. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	17
9. O DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA	18
9.1 Caracterização da Escola	18
9.2 A Turma Foco da Pesquisa	18
9.3 Perfil da Professora	19
10. ANÁLISE E RELATO DA PESQUISA	21
10.1 Leitura Literária e o Imaginário	21
10.2 Branca de Neve – O Conto	23
10.3 Branca de Neve – O Filme <i>In</i> Versões	25
10.4 Ampliando Conhecimentos – Leituras	26
10.5 Recontando a História	28
10.6 Leitura Literária – Múltiplas Linguagens	30
10.7 Da Leitura Literária à Representação Teatral	31
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
12. REFERÊNCIAS	35

1. APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir da reflexão da prática pedagógica e configura-se como parte do LASEB (Lato Sensu em Docência da Educação Básica). Trata-se um programa ofertado pela SMED/BH, em parceria com a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, com o objetivo de promover a formação continuada.

Centralizado em Alfabetização e Letramento, o trabalho de pesquisa procurou dar destaque as práticas de leitura e de modo mais específico, a leitura literária no contexto escolar. Os processos de alfabetização e letramento estão imbricados das práticas de leitura, sendo essas relevantes para consolidação desses processos.

O trabalho situa-se no campo das investigações sobre as práticas de leitura no contexto escolar, detendo-se sobre a questão da formação de leitores literários. As indagações que deram início a esta pesquisa tiveram origem no meu cotidiano de trabalho na biblioteca.

Ao observar a forma como os alunos lidavam com os empréstimos de livros suscitou-me questionamentos acerca dos livros devolvidos. As leituras eram de fato realizadas? Ter acesso ao livro garantia o interesse pela leitura?

Observei que múltiplos interesses levavam os alunos a frequentarem a biblioteca. Alguns de fato estavam motivados pela leitura, outros competiam entre si o empréstimo do livro mais volumoso, outros preferiam os livros com poucas páginas, com mais imagens e...

Comecei a pensar então, como esses alunos frequentadores da biblioteca, que faziam empréstimos semanais de livros lidavam com as práticas de leituras ofertadas na sala de aula. A prática de empréstimos semanais se traduzia em melhoria no quesito leitura? Para tentar responder aos questionamentos propus uma parceria biblioteca/sala de aula, no intuito de acompanhar com maior proximidade o modo como os alunos lidavam com as práticas de leitura. Para efetivação do trabalho foi proposto um projeto de leitura literária, em especial, contos de fadas. A escolha do tema foi feita considerando o perfil da turma escolhida, a familiaridade dos alunos com os contos e a faixa etária. A metodologia utilizada foi a observação participante. Entender como os alunos lidavam com as práticas de leitura ofertadas em sala de aula tornou-se relevante para orientar todo trabalho de formação do leitor a ser desenvolvido ao longo da escolarização.

2. JUSTIFICATIVA

As indagações que deram origem a esta pesquisa tiveram início na minha rotina de trabalho na biblioteca. Temos como prática na biblioteca os empréstimos semanais que são agendados por turma. Dessa forma os alunos teoricamente leem pelo menos um livro semanalmente. Quando o livro é um pouco mais volumoso eles fazem a renovação para dar continuidade à leitura. Certamente essa prática efetiva deveria se converter em melhoria do desempenho escolar no quesito leitura. Porém ao serem avaliados pelas avaliações sistêmicas, tais como, PISA, Provinha Brasil e SAEB, os alunos apresentam baixo desempenho.

Observando os alunos mais atentamente e levantando algumas hipóteses acerca dos livros devolvidos por eles pude perceber que muitos exerciam apenas um ato mecânico de empréstimo e devolução. O livro era levado apenas para “passear” na mochila e assim cumprir mais uma tarefa determinada pela professora. Isso me levou a alguns questionamentos acerca dessa prática. Dar acesso ao livro era suficiente para garantir a formação de leitores? As leituras eram de fato realizadas?

Foucambert (1994) nos diz que a leitura é uma atividade social e compartilhada, que se desenvolve por meio da própria atividade de leitura e através da participação de pessoas com competências variadas e com subjetividades diversificadas. Assim, no intuito de conhecer melhor os leitores – a saber, alunos usuários da biblioteca escolar – foi proposto um projeto de reconto, uma parceria biblioteca/ sala de aula. A escolha dos participantes da pesquisa foi feita após conversar com a professora de uma turma do final do primeiro ciclo. Ao perguntá-la sobre a prática semanal de empréstimos e devolução com a referida turma, ela expôs a mesma percepção que eu já havia feito. Muitos alunos pegavam os livros, mas não faziam a leitura ou se liam, a leitura era bastante fragmentada o que comprometia o entendimento do contexto. A professora relatou também, que embora os alunos já estivessem cursando o ano final do ciclo, ainda utilizavam o livro de português do segundo ano, pois ainda não avançaram o suficiente para usarem o material proposto para o terceiro ano. Em relação às habilidades de leitura apresentavam dificuldades de interpretação detendo-se ainda no processo de decodificação de signos.

Para que uma pessoa possa se envolver em uma atividade de leitura é necessário que sinta que é capaz de ler, de compreender o texto que tem em mãos, tanto de forma autônoma como contando com a ajuda de outros mais experientes que atuam como suporte e recurso. (SOLÉ, 1998)

3. INTRODUÇÃO

Chegamos ao século XXI e as questões referentes ao processo de ensino-aprendizagem da leitura permanecem latentes. Ao longo da história, a leitura foi vista como fonte de aprendizagem e conhecimento e na atualidade essa ideia vem sendo retomada. Focalizar a aprendizagem no ensino de leitura não é por acaso, as políticas de leitura que vêm sendo discutidas nas diferentes áreas da educação destacam a leitura como essencial para aquisição da cultura, do conhecimento, do saber e da formação do indivíduo diante dos desafios do mundo contemporâneo. A leitura adquire uma função utilitária, uma vez que, saber ler tornou-se condição indispensável para ter acesso ao conhecimento.

Estudos realizados através das avaliações sistêmicas, tais como o Pisa, Provinha Brasil e SAEB têm apontado à precariedade no desempenho dos alunos em relação ao quesito leitura e indicam a “Leitura” como primordial no processo de ensino-aprendizagem.

O Pisa- Programa Internacional de Avaliação de Alunos – é uma avaliação internacional que mede o nível educacional de jovens de 15 anos por meio de Leitura, Matemática e Ciências. O objetivo principal do Pisa é produzir indicadores que contribuam, dentro e fora dos países participantes, para discussão da qualidade da educação básica e que possam subsidiar políticas nacionais de melhoria da educação. Em sua terceira participação, o Brasil mostrou uma ligeira queda em Leitura. (MEC, 2011).

Provinha Brasil- é uma avaliação diagnóstica aplicada aos alunos matriculados no segundo ano do ensino fundamental. A intenção é fornecer aos professores e gestores escolares um instrumento que permita acompanhar, avaliar e acompanhar a qualidade da alfabetização e do letramento inicial oferecido às crianças. (MEC, 2011).

SAEB- é um sistema de avaliação nacional aplicado de dois em dois anos, avalia uma amostra de alunos matriculados nas 4º e 8º séries do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio de escolas públicas e particulares, rurais e urbanas. Apresenta indicadores por regiões e unidades da federação. (MEC, 2011)

Diante desse contexto faz-se necessário repensar as práticas de leitura vivenciadas no contexto escolar, bem como é pensada a formação do leitor. A sala de aula antes vista como “locus” privilegiado para efetivação das práticas de leitura, agora abre espaço também para biblioteca escolar. A biblioteca passa a ser entendida como aliada no processo de ensino-aprendizagem de leitura.

Sabemos que a existência de bibliotecas nas escolas é recente, nem sempre as escolas tiveram bibliotecas e até hoje muitas ainda não possuem. Em muitas escolas o que vemos são verdadeiros depósitos de livros, espaço com pouca ventilação e inadequado ao uso. Apesar de sua importância e sua relação com o conhecimento, as bibliotecas e sua utilização ainda são pouco reconhecidas. Em muitos casos vista pelos profissionais que atuam na escola como local de castigo para os alunos de mau comportamento, descanso para os enfermos ou para copia de partes de materiais determinadas pelo professor e ou coordenador.

Diante desse exposto, a escola ao pensar o ensino de leitura precisa conscientizar-se de que se trata de um processo muito abrangente. Dessa maneira não basta apenas o contato com o livro. Há também a necessidade de uma intervenção para que a interação com o livro resulte de fato em aprendizagem da leitura. A leitura aqui entendida como prática social que potencializa o leitor enquanto cidadão.

De acordo com Soares (2001) “Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar, “saber escolar” se escolarize(...)”. Para Soares essa escolarização é inevitável e necessária.

Apropriar-se da literatura como instrumento de trabalho para efetivação das práticas de alfabetização e letramento é de suma importância, uma vez que devemos propiciar aos alunos muito mais do que apenas ler. É necessário ir além da leitura simples. A leitura literária tem a função de ajudar-nos a ler melhor, pois fornece os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. Nesse âmbito, o profissional que atua nas bibliotecas torna-se um mediador do processo, mostrando aos alunos os caminhos para abordar o texto literário e, conseqüentemente, contribuir para a ampliação do letramento literário. As crianças se beneficiam da literatura infantil, pois ao ler elas desenvolvem a linguagem, constroem e ampliam o vocabulário, divertem e adquirem conhecimentos.

Segundo Cosson (2007), Kleiman (2004) e Soares (2003b), devemos ensinar as crianças a ler literatura como conhecimento e não como decodificação de signos. Ao fazer à leitura literária a criança deve buscar uma compreensão daquilo que ler. A mediação deve ser feita pelo professor ou profissional que atua na biblioteca com o objetivo de auxiliar a criança a superar as dificuldades encontradas no processo de letramento literário.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Verificar como crianças, no início da escolarização, interagem com a leitura literária de livros do empréstimo escolar.

4.2 Objetivos Específicos

- Incentivar o gosto pela leitura literária
- Ampliar as práticas de leitura literária
- Desenvolver a capacidade de ouvir com atenção e compreensão;
- Desenvolver a oralidade (capacidade de verbalizar);
- Produzir textos orais com registro escrito.

5. APORTE TEÓRICO

A pesquisa apresentada centrou-se nas práticas de leitura ofertadas em sala de aula e seus desdobramentos no aprendizado da leitura e da escrita. A ideia que compartilho com outros autores é de que a leitura não pode ser vista como uma atividade solitária, mas antes de tudo uma prática social e compartilhada.

Foucambert (1994) nos dá a dimensão do ato de leitura como uma atividade social. Para ele o processo de leitura se desenvolve na interação com o outro. Assim como Foucambert (1994), Solé (1998) assinala que a atividade de leitura deve ser compartilhada com outros leitores mais experientes que atuam como suporte e embasamento para os menos experientes.

Entender a leitura como atividade compartilhada torna-se relevante para desenvolvimento desse trabalho, na medida em que, ele se desenvolveu em uma parceria biblioteca/sala de aula.

Segundo Cosson (2007), Kleiman (2004) e Soares (2003b), ao ensinarmos a criança a ler literatura devemos fazê-lo como conhecimento e não decodificação de signos.

A leitura deve fazer parte do cotidiano da criança e sua prática deve fazer sentido para elas. Para Ferreiro (1995) “A leitura envolve um processo de interação entre autor e leitor, que, longe de ser apenas um receptor de mensagem, precisa realizar um trabalho ativo para compreensão”.

Entender as estratégias utilizadas pelo leitor para compreensão do texto e vislumbrar o processo de aprendizagem e ensino de leitura não como algo naturalizado, nos impulsionou a uma análise mais apurada de um processo que em muitos momentos foi visto como dado, no sentido de que acontecia de forma espontânea. Solé (1998) nos chama a atenção para complexidade do processo que requer uma maior atenção da escola.

Para a autora:

O problema do ensino de leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma que é avaliada pelas equipes de professores, o papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola (...). (SOLÉ, 1998)

Dada à complexidade do processo outros autores nos auxiliaram a compreender e teorizar o assunto. Vigotsky (1991) aponta para as dimensões psicológicas do desenvolvimento da criança, enquanto Abramovich (1995) assinala para o papel do

imaginário na construção do universo infantil aliando-o a aprendizagem. Dessa maneira faz-se necessário ir para além do simples conceito e buscar as múltiplas dimensões que envolvem o processo de ensino de leitura, numa tentativa de compreensão das práticas efetivadas no âmbito da sala de aula.

6. BIBLIOTECA ESCOLAR E LEITURA LITERÁRIA

Existe uma crença no meio educacional que a formação de leitores esta relacionada à existência de uma biblioteca na escola.

A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento de currículo e permite o fomento à leitura e à formação de uma atitude científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente; fomenta a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apoia os docentes na sua capacitação e oferece a informação necessária para a tomada de decisão em aula. Trabalha também com os pais e outros agentes da comunidade. (NEGRÃO, 1987).

Como podemos ver, a biblioteca mostra-se essencial no processo de formação dos educandos, uma vez que, dá suporte as práticas de ensino-aprendizagem.

Para Santos (1989) “O objetivo da biblioteca escolar é incentivar e disseminar o gosto pela leitura junto a crianças e adolescentes, através de material bibliográfico e não bibliográfico organizado e integrado aos interesses da instituição a que pertence”.

Ao realçar o objetivo de incentivo e disseminação da leitura damos destaque à leitura literária que, segundo a tradição serve tanto para ensinar a ler e escrever como para formar culturalmente o indivíduo.

Dessa maneira, a biblioteca como mediadora de leitura oferece as condições necessárias para efetivação do objetivo proposto. Dentro dessa perspectiva, cabe a biblioteca a organização e divulgação de livros como orientação e ampliação das práticas de leitura.

A leitura literária quando trabalhada em consonância com as práticas de ensino-aprendizagem de leitura e escrita apresenta-se como uma fonte prazerosa de aprendizagem.

Para Cosson (2007) ”No ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada”.

E é exatamente essa exploração adequada da literatura que a biblioteca vem buscar, no intuito de desmistificar a ideia da leitura apenas pela leitura.

Ao ler o indivíduo adquire e amplia seus conhecimentos, experimenta o mundo através da linguagem escrita e visual, agrupa saberes e desenvolve habilidades. A leitura literária contribui de forma significativa para o letramento literário, ampliando o contato com diferentes gêneros textuais.

7. METODOLOGIA

De acordo com os objetivos propostos, acreditou-se que uma metodologia qualitativa se adequaria melhor à pesquisa. Segundo Bogdan & Biklen (1994), pesquisa qualitativa é um termo genérico que agrupa diferentes estratégias de investigação, às quais comungam determinadas características. Dentre estas, destaca-se o ambiente natural que é sua a fonte direta de dados. No caso deste estudo, o ambiente natural foi uma sala de aula e sua relação com a biblioteca. Utilizando uma abordagem etnográfica, ou seja, através da participação no cotidiano da sala de aula, da turma escolhida, pretendeu-se observar as práticas de leitura exercidas por esse grupo.

Para responder aos objetivos desse projeto, foi utilizado basicamente um recurso metodológico que considere importante. A observação participante, ou seja, a observação direta, por um período de tempo, do modo como esses alunos lidavam com as práticas de leitura ofertadas.

A observação participante fez-se indispensável nessa pesquisa, pois só assim observou-se a maneira como esses alunos lidavam com a leitura mediante as tarefas propostas pela professora para a turma.

Assim como auxiliar de biblioteca e pesquisadora, interessou-me acompanhar mais de perto as práticas de leitura exercidas no cotidiano da sala de aula e da biblioteca. A hipótese levantada era que as práticas de leitura desenvolvidas no âmbito da biblioteca e da sala de aula deveriam significar uma melhoria no desempenho desses alunos no que se referia à leitura.

O trabalho de pesquisa foi feito com uma turma de dezenove alunos do terceiro ano do primeiro ciclo, na faixa etária de 8/9 anos. Em uma escola da rede pública municipal de Belo Horizonte por um período de sete semanas com um encontro semanal.

8. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

O projeto foi desenvolvido em etapas. O cronograma de execução foi organizado pela professora dentro das aulas de português. Foram realizados sete encontros com duração média de 50 minutos cada. E contou com atividades extraclases dadas pela professora.

DATAS PREVISTAS	ATIVIDADES	TEMPO
20/10/11	Pesquisa sobre o tema na internet Apresentação das personagens	50min 50min
27/10/11	A história narrada pela professora. Reconto oral feito pelos alunos	50min 50min
03/11/11	Apresentação do filme em duas versões	90min
10/11/11	Roda de conversa. Comparação das duas versões apresentadas	50min
17/11/11	Produção de texto - Reconto da história	50min
24/11/11	Preparativos para encenação adaptada do Conto- Branca de Neve	50min
01/12/11	Apresentação teatral da adaptação- Festejo do casamento da Branca de Neve	02h30min
*atividades extraclases		

*Juntamente com o projeto, a professora enviou para casa atividades extraclasse relacionadas ao tema.

9. O DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA

9.1 Caracterização da Escola

A Escola Municipal Professor Mário Werneck foi criada em 1980. Inicialmente para atender o ensino fundamental de 5º a 8º série e 2º grau profissionalizante e técnico. Hoje atende ao ensino fundamental do 1º ao 9º ano e a Educação de Jovens e Adultos (fundamental). Funciona em três turnos e atende cerca de 800 alunos. Participa dos programas escola integrada e escola aberta.

Embora a escola já tenha mais de 30 anos de existência, seu projeto político pedagógico encontra-se em construção e teve início em 1989 com o nome de “Educação pelo Trabalho e Cidadania”.

A escola possui um espaço físico voltado para atender aos alunos, professores, funcionários e comunidade. Recentemente passou por uma grande reforma. Construção da quadra coberta reforma do auditório e construção dos vestiários e refeitório. Apesar de contar com um espaço físico considerável, com 13 salas de aula, laboratórios de informática, quadra coberta, auditório, cantina e refeitório, pátio aberto e pátio coberto, a biblioteca está localizada em um local improvisado, onde funcionava uma sala de aula. Trata-se de um espaço pequeno e pouco ventilado e não tem espaço suficiente para atender a uma turma completa. Para tentar driblar a falta de espaço, os alunos são enviados em pequenos grupos para realizar os empréstimos semanais. E diante dessa situação compartilho:

“Sua ausência neste espaço provoca invisibilidade desse centro de recursos e, por sucessão, esquecimento do livro, abandono da leitura, desprezo pela cultura e desinteresse pela informação.” (ALMEIDA JÚNIOR & BORTOLIN. In: SOUZA, 2009).

9.2 A Turma Foco da Pesquisa

A investigação desenvolveu-se em uma turma da última etapa do 1o ciclo, formada por 19 crianças, 09 meninas e 10 meninos na faixa etária de 8/9 anos, com exceção de dois alunos

de inclusão de 10 e 11 anos respectivamente. Trata-se de uma turma de alunos que em sua maioria já estudavam na escola. Segundo observações da professora referência eram alunos bem agitados, precisavam melhorar em relação a limites, organização espacial e convivência. Do total da turma, nove participavam do programa escola integrada. Em geral, apresentavam muitas dificuldades nas produções de textos e leitura, o que requeria interferências da professora nas atividades diárias.

“Muitos alunos pegam os livros, mas não fazem a leitura ou se leem, a leitura é bastante fragmentada o que compromete o entendimento do contexto.”

A professora relatou, também, que os alunos apresentam grande defasagem em relação à leitura e usam o livro de português proposto para o segundo ano do ciclo, ao invés do terceiro. Segundo ela, os alunos ainda não possuem habilidades consolidadas para utilizarem o material proposto para o ciclo. Detendo-se ainda no processo de decodificação de signos.

De um modo geral, as crianças eram muito participantes e curiosas. Acolheram o projeto com grande motivação e gostavam de participar das atividades e de manifestarem suas opiniões sobre os temas discutidos. Foram bastante receptivas com a pesquisadora e a acolheram com grande afeto. Perguntavam sempre sobre o que seria feito dos materiais produzidos por elas e faziam questão de verificar se todos haviam entregado. A professora ficou surpresa com o comprometimento e envolvimento da turma em relação às atividades propostas

A sala de aula era ampla e repleta de materiais escritos. Ao longo do projeto foi criado um pequeno mural a direita do quadro branco, onde eram colocados pequenos textos relacionados à temática.

Foram observadas uma maior interação da turma e um “desejo coletivo” de fazer parte da pesquisa. Ocorreram momentos de compartilhamento de ideias e /ou mesmo de materiais referentes ao tema.

9.3 Perfil da Professora

Formada em magistério e graduada em Letras e Pedagogia, a professora regente da turma pesquisada atua no magistério das séries iniciais há vinte e cinco anos. Trata-se uma profissional muito comprometida e aberta às experiências que possam contribuir para

formação de seus alunos e impulsioná-los a um melhor aprendizado.

Para ela: “não existe fórmula de momentos de leitura. Lê se a todo o momento, durante a vida, na aula, na escola. Não se lê para somente aprender a ler, lê se sempre por interesse imediato. A vida cotidiana está cheia de oportunidades de leitura e cabe a nós professores saber aproveitá-las”.

Gosta de atuar no magistério e trabalha em duas redes públicas, Belo Horizonte e Contagem. Sempre que possível participa de cursos de formação e busca inovações que auxiliem no aprendizado de seus alunos. No ano de 2010 alguns de seus alunos tiveram destaque na produção textual com publicações no Caderno Gurilândia do Jornal Estado de Minas.

A professora destaca que não há nada mais significativo do que ver bons resultados de seu trabalho. Procura sempre trabalhar a autoestima dos alunos e instigá-los a aprender cada vez mais.

10. ANÁLISE E RELATO DA PESQUISA

10.1 Leitura Literária e o Imaginário

Trabalhar a literatura de forma prazerosa no intuito de estimular os hábitos de leitura é certamente o sonho de todo mediador de leitura. Porém sabemos que isso não é tarefa fácil. Os gostos são diversos e o prazer pode não acontecer da mesma forma para todos. Para conquistar o gosto da turma e considerando a faixa etária pensou-se em um trabalho com o Conto de fadas - Branca de Neve e os Sete Anões. A escolha do Conto foi feita em virtude da familiaridade das crianças com a história. Quando perguntadas se conheciam algum Conto de fadas elas destacaram Branca de Neve entre outros. Os contos de fadas despertam na criança a imaginação que as transportam para dentro das histórias, para o mundo da fantasia. Dar vazão ao imaginário e incentivar o gosto pela leitura literária é de grande relevância, uma vez que, a leitura não é somente uma fonte de informação, mas também de prazer.

Dessa forma, para dar início aos trabalhos a professora informou as famílias na reunião de pais sobre o projeto que seria desenvolvido junto à turma. Ressaltou a importância da participação deles nas atividades programadas para casa e do incentivo no desenvolvimento da leitura.

Com intuito de preparar os alunos para realização do projeto, a professora mandou para casa no dia anterior ao início das atividades um exercício de cruzadinhas, no qual o aluno deveria localizar o nome de alguns contos de fadas e entre eles estava o conto escolhido para o projeto. No dia seguinte os alunos foram para aula de informática e o tema pesquisado foi os contos de fadas. Eles visitaram um site (www.smartkids.com.br) sugerido pela professora e fizeram anotações referentes ao tema. É interessante destacar que alguns alunos tiveram o cuidado de copiar o porquê trabalhar com os contos. Dessa forma o aluno toma nota em seu caderno: Trabalhando com os contos de fadas, os alunos constroem e reconstróem significados para as histórias e desenvolvem o prazer da leitura.

Para Abramovich:

Por quê? Porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que denota fantasia, partindo sempre de uma situação real, concreta, lidando sempre com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passa num lugar que é apenas esboçado, fora dos

limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar...
(...) Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias) (...) (ABRAMOVICH, 1995).

E é através, principalmente, da fantasia que a professora provoca as crianças para o mundo da leitura. Ela trouxe para sala de aula a personagem principal da história. Trata-se de uma boneca de 80 cm de altura que estava enrolada em um pano que lhe cobria todo o corpo. Então ela pergunta para as crianças: “Quem vocês acham que é?”. Imediatamente todos ficam desinquietos, levantam da carteira e se aproximam do grande embrulho. A professora pede então para que todos sentem no chão e coloca a personagem encima de uma carteira encostada no quadro branco. O pano começa a cair e aparecem os sapatos amarelos. Alguém arrisca: “é a Cinderela?” a professora pergunta por que você acha isso. A menina responde: “os sapatos amarelos.” A professora diz: “Cinderela tem sapatos amarelos?” As crianças respondem: “não é de cristal.” Outro arrisca: “é o Boitatá”. A professora pergunta se o boi Tatá é conto de fadas. As crianças rebatem dizendo que é uma lenda. Outros arriscam e dizem: “É a Branca de Neve. Eu vi o cabelo preto”. A professora insiste no mistério e vai revelando aos pouquinhos partes da personagem até que finalmente aparece a Branca de Neve. As crianças ficam encantadas. A professora coloca a boneca em pé encima da carteira e levanta a mão dela e diz para eles que a personagem está acenando para a turma. Pede para todos retornarem a seus lugares e registrarem no caderno um trecho sobre os contos de fadas pesquisados por outra colega da turma. Ela registrou no quadro: O conto é uma narrativa em prosa de curta extensão, mas que causa muita emoção. Toda menina quer ser princesa lá no fundo do coração. E os meninos querem ser super-heróis de muita emoção. Ao final uma criança levantou e perguntou a professora se podia abaixar o braço da Branca de Neve. Ela achava que ela estava cansada de ficar naquela posição.

Segundo Vigotsky (1991), existe uma clara diferenciação entre o comportamento da criança no mundo imaginário e no mundo real. Entretanto, a manipulação com brinquedos, a atuação no mundo imaginário cria uma zona de desenvolvimento proximal, na medida em que as crianças ampliam conceitos. Isso ocorre de forma análoga entre as histórias do imaginário e do brinquedo. Estas criam uma zona de desenvolvimento proximal, aproximando conceitos reais já adquiridos com outros conceitos em potencial, que são esclarecidos com auxílio dos adultos. Dessa maneira, a criança pode externalizar seus sentimentos e emoções, construir e reconstruir as histórias que auxiliam nos processos de aquisição da leitura.

10.2 Branca de Neve – O Conto

A Contação de História ocorreu na própria sala de aula. Embora a ideia inicial fosse de usar o espaço da biblioteca, isso não ocorreu devido à interdição da mesma para serviço de pintura que foi realizado exatamente dentro do nosso cronograma. Inicialmente para criar um clima diferenciado para as crianças ouvirem o conto, a professora fechou todas as cortinas da sala de aula, em seguida registrou no quadro uma pequena sinopse da história que seria contada e deu destaque a dois livros colocados sobre uma carteira a frente da sala. Depois que todos já estavam acomodados em seus lugares ela iniciou a Contação dando ênfase as personagens alternando a voz e para dar maior veracidade a história apresentou as crianças uma maça dizendo que seria a mesma que foi dada a Branca de Neve. As crianças ouviram atentamente a história e tal como na primeira aula demonstraram grande encantamento. Ao observar tal comportamento chamou minha atenção, pois a turma até então, era considerada como muito agitada e que muitas vezes não davam conta de fazer determinadas atividades, principalmente àquelas que exigiam uma maior atenção.

De acordo com Cunha:

Entre os 03 e 08 anos a criança se encontra na chamada fase do mito, na qual há um predomínio da fantasia, o animismo. Ela se identifica com personagens e lhes atribui significações associadas à própria realidade, nos contos de fadas, lendas, mitos e fábulas. (CUNHA, 2004)

Sendo assim, as histórias se tornam muito mais significativas e capazes de apreender a atenção desse leitor em potencial. Outro fato relevante ocorrido no contexto do projeto foi que as crianças quando solicitadas a fazerem o empréstimo semanal do livro optaram em sua grande maioria pelos contos de fadas.

Após a Contação as crianças foram convidadas a recontar oralmente a história. Uma menina foi à frente da turma e começou a narrar os fatos. Ela falava muito baixinho, provavelmente inibida pela minha presença. A professora pediu para falar um pouco mais alto e os colegas também. E embora ela tenha continuado com o tom de voz bastante baixo o que dificultou ouvir a história, as outras crianças permaneceram atentas como se a ouvissem de fato. Em alguns momentos a professora fez algumas observações e a instigou em sua narração. A professora perguntou: “o que o caçador foi fazer na floresta?” Em outro momento ela diz: “o que os anões exigiram da Branca de Neve para que ela ficasse com eles?” Essas

interlocuções feitas pela professora tiveram o intuito de resgatar através da linguagem oral partes da história perdidas pela menina ao longo da narrativa. A turma também ajudou nesse resgate.

A linguagem tem como objetivo principal a comunicação sendo socialmente construída e transmitida culturalmente. Portanto, o sentido da palavra instaura-se no contexto, aparece no diálogo e altera-se historicamente produzindo formas linguísticas e atos sociais. A transmissão racional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio durante o trabalho. (VIGOTSKY, 1991)

Dessa maneira, a professora atuou como mediadora do processo de ensino de leitura e auxiliou na estruturação da história narrada. É relevante para criança à compreensão de que assim como na linguagem escrita à linguagem oral exige uma estruturação para que os fatos narrados sejam compreendidos pelos ouvintes.

Num segundo momento as crianças realizaram uma atividade dada pela professora. Trata-se de uma atividade escrita, cujo objetivo era verificar a compreensão da história contada. As crianças foram solicitadas a listarem as personagens da narrativa e destacarem as principais. Em outra questão, foram atribuídas as personagens principais alguns elementos que as identificavam e as crianças deveriam ligar a personagem ao elemento correspondente. As crianças fizeram a correspondência e colocaram a Rainha, madrasta de Branca de Neve, como enteada. Ao observar a resposta dada pelas crianças perguntei a professora se elas saberiam dizer o significado do vocábulo. Ela respondeu que sim, pois muitos dos alunos da turma viviam tal situação. Expliquei a ela que havia observado uma relação errada da resposta, que me levou a acreditar que não saberiam o significado do vocábulo. A professora, então, pergunta para a turma: “Vocês viram que aparece a palavra enteada, alguém saberia me explicar do que se trata?” Uma aluna levanta a mão e diz: “é porque eu tenho madrasta”. A professora insiste, “porque você tem madrasta, o que aconteceu?” “meu pai casou com outra mulher”. Outra criança diz que também é enteada e a professora pergunta de quem, se é por parte de pai ou de mãe? Mas a criança se confunde, na verdade ela possui pais legítimos. Para esclarecer a confusão ela retoma a história e pergunta: “Por que a Branca de Neve tem madrasta?” algumas crianças respondem: “porque a mãe dela morreu e o pai dela casou com outra mulher”. Ah! A rainha, diz a professora. Depois a professora diz aos alunos que toda história tem um problema e qual seria o problema da história da Branca de Neve? As crianças respondem em coro, a inveja. A professora pergunta qual é a inveja e elas respondem que é da Rainha com a beleza da Branca de Neve.

Ao fazer essa intervenção, a professora trabalha as habilidades de identificação do

conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa e seus modos de apresentação e identifica argumentos usados para comprovar a tese. (CAFIERO, 2005)

É relevante que ao fazer a leitura, o leitor possa adquirir mais profundidade e intimidade com o texto, seja oral ou escrito, que se consiga estabelecer um diálogo, fazer perguntas e buscar respostas, seja o texto de gêneros variados, uma história, uma fábula, uma crônica ou qualquer outro.

"Para que as crianças compreendam a importância da leitura em suas vidas, é necessário que elas observem e se deem conta para que e em que situações usam textos, elas e as pessoas adultas." (CELIS, 1998). Ver sentido para práticas de leitura é fundamental para que a criança se aproprie da prática e faça uso de maneira ordenada.

10.3 Branca de Neve – O Filme *In* Versões

Hoje a professora apresentou às crianças duas versões do filme, Branca de Neve e os Sete Anões. O objetivo era verificar como as crianças reagiriam diante da versão apresentada e qual a relação elas faziam com a história que ouviram e ou leram.

A primeira versão era bastante reduzida e apresentava elementos diferentes da história narrada pela professora. As crianças demonstraram bastante interesse em assistir ao filme. Embora a versão não tivesse muita motivação e as personagens principais tivessem características físicas um pouco diferentes da história narrada, elas assistiram atentamente e demonstraram um “estranhamento” da história. Uma criança disse: ”mas isso não tem na história”. O comentário se referia a uma passagem do filme em que a madrasta da Branca de Neve disfarçada de velhinha dava a ela um pente envenenado para pentear os cabelos. Em outra cena a criança observou a falta de beleza da personagem madrasta e da própria Branca de Neve que tinha olhos espantados.

Logo em seguida a primeira versão, a professora apresentou uma versão feita pelo Walt Disney. Assim que começou a história as crianças começaram a reconhecer partes da história narrada pela professora. Uma criança disse: “Ah! Essa é de verdade” e outra comentou que a madrasta era bem bonita. Ao longo da exibição elas fizeram pequenos comentários que identificavam a história ouvida com a apresentada no filme. Divertiram-se com as trapalhadas dos sete anões e torceram pela Branca de Neve.

Estamos diante de um mercado voltado cada vez mais para o áudio visual e despertar a criança para leitura atenta da imprensa escrita não é uma tarefa fácil, uma vez que, as outras mídias tendem a prender com mais facilidade a atenção do não leitor. Ao observar a reação das crianças diante do filme após terem ouvido a história me fez refletir acerca do interesse deles em ler outras histórias. O incentivo a leitura deve ser um trabalho contínuo e sistemático e cabe aos mediadores desse processo sempre buscar novas maneiras de interação com seus alunos na prática de atividades relacionadas ao gosto pela leitura. Oferecer aos alunos momentos prazerosos, chamando a atenção para o interesse de novas leituras, além de proporcionar uma ocupação sadia das horas vagas, enriquecimento do vocabulário, facilidade de expressão, aperfeiçoamento da linguagem e da capacidade de atenção, adquirindo novos conhecimentos e orientação do pensamento.

Após a apresentação do filme, a professora chamou atenção para outras histórias também encontradas em livros e filmes. Destacou a importância da leitura do livro no desenvolvimento das habilidades de escrita, principalmente no que se referia à produção de textos.

10.4 Ampliando Conhecimentos – Leituras

A roda de conversa sobre os Contos de fadas iniciou com o relato das crianças sobre uma pesquisa realizada na internet sobre os irmãos Grimm, autores de boa parte dos Contos de fadas. Um aluno leu as anotações feitas em seu caderno contando um pouco da história dos irmãos Grimm e como eles iniciaram a escrita de suas histórias que se tornaram famosas. Outros alunos também expuseram suas anotações. A conversa fluiu em um clima de descontração e os alunos mais tímidos demonstraram interesse em falarem suas observações. Um aluno mostrou o livro que trouxe. Tratava-se da versão do Conto Branca de Neve, escrita por Ely Barbosa e narrada por Sílvio Santos (apresentador de TV). O livro vem acompanhado por um CD de áudio e data de 1976. Além desta versão, outra aluna trouxe uma versão de bolso de Raymond Sibley de 1995, baseada no Conto dos irmãos Grimm. É notório o interesse das crianças em trazerem novas versões do Conto. O que poderia parecer cansativo em alguns momentos tornou-se agradável e estimulante para elas, pois faziam questão que a

professora lesse todas as versões trazidas. Comentavam as diferenças e semelhanças nas narrativas. Os alunos falaram das diferentes tentativas da Madrasta de matar Branca de Neve. Falaram do laço amarrado em sua cintura, do pente envenenado, de quando Branca de Neve despertou do sono profundo enquanto era transportada no caixão de vidro levado pelos súditos do príncipe. Falaram da beleza e da feiura das personagens nas versões dos filmes apresentados.

Em outro momento, as crianças apresentaram um pequeno comentário da leitura realizada durante a semana. Tratava-se dos livros que eles pegaram na biblioteca na semana anterior. O objetivo da professora era fazer com que os alunos produzissem um pequeno texto usando suas próprias palavras para expressarem a parte que mais gostaram da leitura feita e um desenho se assim o desejassem.

Tiveram uma variedade de Contos. O soldadinho de Chumbo, A Roupa Nova do Imperador, A Polegarzinha, O Patinho Feio, Rapunzel, O Amigo do Rei, Branca de Neve e os Sete Anões, A Bela Adormecida. Alguns alunos registraram o pequeno comentário copiando partes do texto lido. Outros já conseguiram expressar com suas próprias palavras demonstrando uma maior compreensão da história lida.

Segundo Ferreiro (1995) “A leitura envolve um processo de interação entre autor e leitor, que, longe de ser apenas um receptor de mensagem, precisa realizar um trabalho ativo para compreensão”.

Assim Pedro registrou em sua folha a parte que mais gostou:

“Eu gostei da parte que o soldadinho estava no esgoto navegando com o barquinho de papel”.

Laura Júlia escreveu:

“A parte que Polegarzinha sai da flor vermelha.”

Leticia:

“que quando a Rapunzel nasceu.
foi a parte que eu mais gostei
porque ela soube que ela
ia ser mãe e ela não
esperava.”

Ao relatarem a parte que mais gostaram da história lida, as crianças demonstraram a relação afetiva que estabeleceram com o texto, com a história, que tem como função expressar as emoções no discurso. Trata-se de um recurso semântico utilizado para expor linguisticamente as emoções no discurso, em que os falantes/escritores revelam suas emoções e sentimentos em relação às coisas, às pessoas, aos acontecimentos e aos objetos em geral.

Durante as apresentações a aluna Sabrina que havia se ausentado das aulas por alguns dias pediu para ler um Conto do livro que ela pegou na biblioteca em seu empréstimo semanal. Tratava-se do livro de Contos Andersen, Grimm e Perrault. O livro traz vários Contos de fadas. Logo os outros alunos despertaram a atenção para o livro e pediram para a aluna que estava com o livro para fazer a troca com eles no próximo empréstimo.

A literatura infantil, como todo texto, oral, visual ou escrito, traz consigo todo um processo de construção de sentidos. Os autores, ao produzirem um texto, possuem uma intencionalidade, ou mesmo uma idealização relativa à recepção de sua obra. Da mesma forma, o leitor, no ato da escolha literária, é tomado por determinada expectativa, que pode ser provocada por estímulos diversos, que vão desde atrativos presentes na capa do livro, até comentários ou sugestões de leitura. São as condições de produção e de recepção das obras que influenciam os discursos que as permeiam e, logo, os indivíduos que delas fazem uso.
(ALCÂNTARA, 2009)

Ao manifestarem interesse pelo livro apresentado por Sabrina, os alunos demonstraram suas expectativas diante da obra, sejam elas motivadas pelo estímulo visual e ou mesmo pela provocação de leitura feita pela colega.

10.5 Recontando a História

Antes de iniciar a produção de texto as crianças ouviram a versão do Conto narrado por Silvio Santos. Depois a professora destacou alguns aspectos importantes para produção de texto, tais como, uso da pontuação, parágrafo, travessão. Falou da importância da narrativa e pediu detalhes da história, nomes de personagens, sequência em que ocorreram os fatos.

Em seguida distribuiu para os alunos uma folha de papel pautada para que eles pudessem produzir o texto. Disse aos alunos que eles poderiam fazer uma capa, desenhando a parte que mais gostaram, mas que deveriam iniciar pela produção de texto.

Os alunos iniciaram a tarefa e alguns começaram pelo desenho. A professora chamou a

atenção para que iniciarem pelo texto.

Observei as crianças no seu exercício de escrita. Alguns iniciaram a escrita de imediato, outras colocaram o lápis no canto da boca e pareciam estar em outro universo, enquanto outras começavam a escrever e apagavam logo em sequência. Observei um pouco mais e devagar os textos foram emergindo.

Sempre pensei no ato da escrita como um exercício solitário no qual o autor produzia o texto a partir de suas lembranças. Ao colocarmos as ideias no papel fazemos um exercício de construção e reconstrução de sentidos. A escrita não representa uma transcrição literal daquilo que lemos ou ouvimos. Ao fazermos um reconto dialogamos não somente com o texto lido ou ouvido, mas também com outros que ao longo da nossa trajetória de leitores vão sendo incorporados a nossa vivência.

Para Olson:

O domínio da escrita é uma condição social; quando lemos ou escrevemos um texto, participamos de uma “comunidade textual” de um grupo de leitores que também escrevem e ouvem que compartilham uma determinada maneira de ler e entender um corpus de texto. (OLSON, 1997)

Dessa maneira, os textos produzidos mesmo sendo da mesma temática adquiriram um estilo próprio. Ao elaborar sua versão, o aluno recorreu a diversos elementos que como numa colcha de retalhos foi compondo sua estrutura textual. Muitas vezes, o aluno demonstra na escrita a sua dificuldade de organizar as ideias e uma compreensão mais global do texto. Assim escreve frases soltas e com pouca coesão.

Em alguns momentos reproduz fragmentos da história sem se preocupar com a cronologia dos fatos. Isso dificulta a leitura e o sentido do próprio texto. Escrever não significa colocarmos palavras no papel.

Para além da produção textual, a escrita demonstra o grau de compreensão do leitor revelando a complexidade de construção de sentido do texto escrito. Para Cagliari (1996) “o objetivo da escrita é a leitura, mas quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o que escreve.” Portanto, a leitura é uma habilidade que precede a própria escrita.

Dessa maneira, ao darmos ênfase as atividades de leitura, estimulamos o processo de escrita. Para escrever necessitamos de um repertório linguístico, que é ampliado ao longo de nossa vida. Ao produzirmos um texto utilizamos diversos recursos de que a língua oferece, tais como, frases, expressões, palavras, a cadeia referencial, palavras de transição. Todos esses elementos compõem a organização linguística do texto.

O trecho a seguir foi produzido por Jean (9 anos) e nos dá a dimensão do nível de escrita do aprendiz:

Era uma vez uma rainha qui queria uma filha
E ate que um dia seu desejo se realizo e a menina
Creseu e sua mãe moreu e seu pai decidiu
Casa de novo e seu pai mau e a madrasta
Trata ela como escrava e sempre comsultava
seu espelo espelo espelo meu esite auguem mais...

Através da produção textual podemos identificar o grau de escrita, e a partir desse referencial criar estratégias que auxiliem o aprendiz a avançar no processo de escrita e leitura.

10.6 Leitura Literária – Múltiplas Linguagens

Longe de ser mais uma atividade corriqueira, os preparativos para a pequena encenação do casamento de Branca de Neve ganha um caráter mais pedagógico ao lembrarmos de que Piaget relaciona a representação infantil ao intenso exercício da função simbólica ou semiótica, com grande relevância no desenvolvimento cognitivo da criança.

Através da representação a criança amplia a linguagem, assimila a realidade e organiza suas experiências para compreender o mundo que a cerca.

O teatro infantil oportuniza uma experiência emocional compartilhada. As crianças podem exercer diferentes papéis. Atuam como atores e também como público. Na atividade teatral usa-se muito a expressão corporal, a linguagem oral e, sobretudo a capacidade de memorização.

Dessa maneira, a professora distribuiu algumas tarefas. Algumas crianças receberam pequenos textos com a fala das personagens que iriam representar, outras experimentavam os figurinos e cada uma assumiu seu lugar dentro da representação.

Enquanto algumas crianças se esforçavam para memorizarem a fala das personagens que iriam representar, outras ajudavam a pensar o cenário. A professora, por sua vez, estimulava a turma e organizava as propostas sugeridas por eles. Primeiro propôs que fizessem uma lista dos materiais que precisariam para montar o cenário, depois chamou um a

um para experimentar o figurino e colocou uma etiqueta com o nome da criança na roupa que iria usar no dia da apresentação.

Ao longo da realização dessas tarefas, a professora destacou para a turma a importância da organização, da estruturação e da linearidade para que se possa executar o trabalho proposto de forma satisfatória. Ela disse: “Da mesma forma que precisamos organizar e estruturar nosso trabalho para alcançarmos o objetivo estabelecido, devemos fazê-lo ao colocarmos nossas ideias no papel para produzirmos um texto e /ou realizarmos uma leitura. Vocês viram que se tentarmos fazer tudo ao mesmo tempo, acabamos por não compreendermos uns aos outros e não conseguimos estabelecer um entendimento”.

É importante destacar que os episódios de dramatização e a produção de textos coletivos contribuem de forma significativa para o desenvolvimento da criatividade verbal nas crianças. O papel do professor nessa tarefa coletiva é atuar como mediador das relações entre os alunos no intuito de criar as condições da situação dialógica. Encoraja-los na improvisação de falas quando esquecem parte do texto lido, estabelecer o ritmo da atividade, ajudar a recompor a linearidade da história contada.

10.7 Da Leitura Literária à Representação Teatral

Para finalizar o trabalho com o Conto de Fadas- Branca de Neve e os Sete Anões, a professora programou uma pequena apresentação teatral com a turma. A sala foi transformada em um cenário para comemoração do casamento de Branca de Neve. Todos os envolvidos no projeto incorporaram um personagem do Conto e/ou de outros Contos dando vazão à fantasia. Caçador, anões, príncipe, madrasta malvada, rainha, princesas, Branca de Neve, bruxas, fadas, chapeuzinho vermelho...

Ao agregar personagens de histórias diferentes, a professora procurou mostrar aos alunos a multiplicidade de histórias que aos poucos fazem parte de nossas vivências, sejam elas narrações orais ou escritas.

Durante a apresentação a turma vivenciou toda emoção provocada pela fantasia. Expressaram através da oralidade, da entonação, da pausa, dos gestos, da mímica e agiram com veracidade.

Ao vivenciarem as histórias lidas e/ou ouvidas às crianças ampliaram seu imaginário e aguçaram a criatividade, exercitaram o pensar e ampliaram a capacidade de interpretação. Em

situações em que a criança esqueceu parte do texto memorizado ela recorreu ao improviso e /ou ao auxílio do colega que compartilhou a cena apresentada.

A finalização do projeto transcorreu em clima descontraído e as crianças demonstraram seus afetos, medos e fantasias.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a leitura como uma atividade compartilhada nos leva a uma concepção diferenciada de como se concebe este processo. Dessa forma devemos pensar também nas mediações e suportes encontrados pelos leitores. Investigar as práticas de leitura desenvolvidas no âmbito da sala de aula e seus prováveis desdobramentos no ensino e aprendizagem da leitura e da escrita torna-se fundamental para nortear o trabalho a ser feito durante a escolarização. Ao ser instigada por questionamentos advindos da minha rotina de trabalho, ou seja, o modo como as crianças lidavam com os livros numa dinâmica de empréstimos e devoluções, justificou a necessidade desta averiguação das práticas diárias das atividades de leituras oferecidas na sala de aula. A efetivação da pesquisa exigiu-se um aprofundamento teórico constante, numa tentativa de compreender um pouco o processo de leitura, mais especificamente, leitura literária.

A pesquisa realizada demonstrou a relevância da mediação e do incentivo a leitura em suas múltiplas práticas como mote para formação do leitor. Em um mundo sustentado pelas mídias audiovisuais faz-se necessário o uso de diferentes estratégias numa perspectiva de convencimento do não leitor seduzido pelo imediatismo das multimídias. O empenho da professora na execução do projeto e a interação da turma com o mesmo nos leva a acreditar na leitura como um ato social.

Implícita, na leitura literária, de modo mais específico nos contos de fadas podemos observar uma “catarse” do leitor, que ao se identificar com a personagem da narrativa, manifesta de alguma forma suas inquietações, sejam de forma oral, escrita ou gestual.

Na sala de aula “lócus” da pesquisa observou-se uma pluralidade de interações e um compartilhamento de uma comunidade de leitores. Os modos como às crianças lidavam com as práticas de leitura eram diferenciados. A oferta era a mesma, mas a interação não acontecia da mesma maneira para todos.

No percurso da pesquisa foram observadas também algumas habilidades de decodificação, letramento e estratégias de leitura, que podem servir como parâmetro para verificação da forma como os leitores vão se apropriando da leitura desde o início. (CAFIERO, 2005)

Foram observadas habilidades de:

- Ler palavras em voz alta;

- Ler em voz alta sentença;
- Ler fluentemente com entonação, boa pronúncia, ritmo adequado;
- Inferir significado de palavras a partir do contexto;
- Identificar argumentos usados para comprovar a tese;
- Recontar o que leu, fazendo paráfrases.

Por fim compartilho Izabel Solé, quando afirma que:

(...) E sabem que não existe apenas uma resposta, que o que funcionou em determinada ocasião não funciona na seguinte e que, em alguns casos, nada parece adequado. O que pode ser feito para que meninos e meninas aprendam a ler e utilizem a leitura para aprender?(SOLÉ, 1998)

12. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.
- ALCÂNTARA, Flávia Graciela. **Um clássico in versões: Representações de infância e Chapeuzinho Vermelho**. Belo Horizonte, 2009. 324p. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução teoria e aos métodos**. Porto Alegre: Porto Editora, 1994. 336 p.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Avaliações Sistemáticas**. Brasília: MEC, 2011. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>
- CAFIERO, Delaine. **Leitura como processo: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFGM, 2005.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1996.
- CELIS, G. I. **Aprender a formar crianças leitoras e escritoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CUNHA, Antunes Antonieta Maria. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.
- KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento na escola**. Campinas: Mercado e Letras, 2004.
- NEGRÃO, May Brooking. **Da enciclopédia ao banco de dados: a biblioteca escolar e a educação para a informação**. Cadernos do CED, Florianópolis, v. 4, n. 10, p. 87 – 112 jul./dez. 1987.
- OLSON, David R. **O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**. São Paulo: Ática, 1997.
- SANTOS, M. S. **Multimeios na biblioteca escolar**. In: GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). **Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989. P. 97-108.
- SOARES, Magda Becker. **A Escolarização da Literatura Infantil e Juvenil**. In: BRANDÃO, Heliana M. B. et al.(org.). **A Escolarização da Literatura Literária: O jogo do livro Infantil e Juvenil**. Belo Horizonte: Autentica, 1999.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003b.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução Cláudia Schilling. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. 194 p.
- SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4.^a Ed, livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, 1991.